

MEMÓRIA E VIVÊNCIA: COMO AS HISTÓRIAS DA MIGRAÇÃO NORDESTINA SÃO CONTADAS.

Cynthia Xavier da Silva¹

Heloisa Pait²

RESUMO: Este artigo busca refletir problemas sociológicos para entender como ocorre o processo de socialização em um grupo de pessoas que viveram a migração de estados do Nordeste para o Sudeste na década de 1960 e de como essa experiência é transmitida para as gerações de filhos e netos. Buscamos problematizar os conceitos de lugares e espaços nessa trajetória e investigamos o modo como a memória da migração emerge dentro da família. A esse modo chamamos de “lugares da memória”, que são tanto físicos quanto simbólicos, e é a partir desses lugares criados geralmente pelos avós migrantes que tanto os filhos quanto os netos incorporam costumes e memória que fazem com que elementos da experiência migratória permaneçam vivos no contexto geracional-familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Migração nordestina. Lugares da memória. Geração. Família.

ABSTRACT: This article aims to reflect sociological problems to understand the process of socialization in a group of people who lived the migration from northeastern to southeast Brazilian states in the 1960s and how that experience is transmitted to generations of children and grandchildren. We seek to problematize the concepts of places and spaces in that trajectory and to investigate how the memory of migration emerges within the family. This is the so called "places of memory", which are both physical and symbolic, and it is from these places created usually by immigrants and grandparents that both sons and grandsons incorporate habits and memories that make the elements of migratory experience remain alive in generational-family context.

KEYWORDS: Northeastern migration. Places of memory. Generation. Family.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado em Ciências Sociais, desenvolvida entre 2011 e 2014 no campus da UNESP de Marília, SP. A pesquisa propôs investigar como as

¹ Atualmente é aluna do doutorado no programa de Pós Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Araraquara/SP. Este artigo é parte da pesquisa de mestrado desenvolvida na Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Marília/SP, entre os anos de 2011 – 2014. E-mail: [cynthiaxsilva@hotmail.com](mailto:cinthiaxsilva@hotmail.com).

² Atualmente é docente no Departamento de Sociologia e Antropologia na UNESP, campus de Marília/SP. Foi bolsista da Comissão Fulbright e atualmente é professora de Sociologia da UNESP, campus de Marília/SP. Sua tese de doutorado, defendida na New School for Social Research, em Nova York, trata dos desafios individuais diante da comunicação mediada. <http://www.marilia.unesp.br/#!/helopait>.

histórias da migração de nordestinos da década de 1960 (PAIVA, 2004) eram transmitidas as futuras gerações, filhos e netos, e como estes interagiam com essa memória.

A pesquisa se passou em uma pequena cidade da região Noroeste do estado de São Paulo, Barbosa, e surgiu com a experiência em lecionar no Ensino Médio. Observamos que os alunos, muitos que eu conhecia, eram netos de migrantes nordestinos, mas durante as aulas sobre migração não se referiam a seus avós como migrantes. Queríamos saber, então, de que forma eles conheciam a história de seus avós que não a versão historiográfica de migração nordestina.

Como a pesquisa se passou em minha própria cidade, o trabalho de pesquisa muitas vezes foi de um Geertz “às avessas”. Para observar a dinâmica cultural e social da cidade, foi necessário muitas vezes um esforço em se distanciar do pertencimento aquela comunidade. No entanto, outras vezes minha vivência naquela comunidade ajudou no desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa foi realizada com dez avós, dez netos e três filhas. Os avós foram selecionados por conveniência. Primeiro estabelecemos contato com um morador conhecido na cidade como Mané Bahia e passamos a fazer pesquisa com membros da sua família: sua esposa, dona Lourdes; dona Sebastiana, cunhada de seu Manoel; dona Celeste, irmã dele, e seu marido, seu Antônio. Nesta família participamos de duas festas, a de bodas de prata da filha Lúcia e a de aniversário de 70 anos de sua esposa, dona Lourdes. Seu Manoel toca sanfona e sempre que há festas ele e seus amigos se juntam para tocar e cantar. Por causa da música nestas festas de família entrevistamos um sanfoneiro da cidade, seu João.

A pesquisa com as crianças foi realizada a partir da seleção através de dois questionários, um fechado e outro semiaberto. Entrevistamos dez crianças com idades entre onze e doze anos que estudavam no 6º ano do Ensino Fundamental em 2012 que tinham algum avô ou avó migrantes do Nordeste. O contato com essas crianças foi feito na escola estadual Prof. José Carlos da Silva com a autorização dos pais e da diretora.

Através das crianças estabelecemos contato com alguns avós e os entrevistamos: seu José, dona Emília, e dona Marta. Com os avós fizemos dois tipos de análise. Foi realizada também entrevistas com três filhos de migrantes. No início havia entrevistado apenas a filha de seu Manoel, a Lúcia. Tanto Dona Lourdes, mãe da Lúcia, quanto sua tia, dona Sebastiana, a mencionaram nas entrevistas. Após ouvi-la decidimos entrevistar mais duas filhas de migrantes, Heloisa, filha de dona Marta, e Elisângela, filha de dona Celeste, para saber se havia semelhanças na forma como os filhos ficaram conhecendo as histórias de família.

Como o título desta revista propõe, nos atentaremos a refletir parte da pesquisa que problematiza o percurso da migração destes entrevistados. Será apresentada inicialmente uma discussão conceitual sobre os lugares e espaço na perspectiva do sujeito que migra, e posteriormente apresentaremos alguns resultados da pesquisa.

Lugares e espaços

Migrar é trazer na bagagem objetos, experiências, modos de ser. Como uma viagem, ela só existe por causa de um espaço, um transporte, um deslocamento. Estar em um ônibus, em um carro, na estrada, é o mesmo que não estar em lugar nenhum. Não porque a estrada ou o carro não sejam um lugar. Eles existem. Mas não estamos em um lugar conhecido, estabelecido, fixo. O que era, agora não é mais, e o que será, ainda não chegou. Como falar dessa sensação? Como explicar essa experiência entre o pertencer e o não pertencer? Aquela frase dita quando as pessoas não conseguem explicar uma sensação: “só vivendo o que eu vivi”. A migração é um pouco deste algo próprio da experiência.

Toda vez que se está em um ônibus, carro, avião, indo para algum lugar novo, aquele espaço entre o lugar antigo e o que será seu novo lugar pode se transformar em um lugar de reflexão, um olhar sobre si mesmo. Curiosamente, nesses momentos de viagens, ficamos pensando sobre nossa vida, em nossas melhores lembranças e nos sentimos vivos. Vivos por ter consciência de que neste momento estamos vivendo. E muitas vezes o novo lugar aparece como uma utopia, um lugar onde fazemos planos de uma vida nova, de mudar hábitos, de conquistar coisas, de realizar planos. Por mais difíceis que sejam as circunstâncias, uma mudança nos faz repensar nosso plano de vida.

Iremos refletir sobre a migração, o ato de viajar e a vida no novo lugar através de alguns conceitos de modo que possamos compreender este deslocamento no espaço-tempo e as transformações culturais que daí decorrem. Começaremos essa reflexão com as heterotopias de Foucault (1997). De acordo com Foucault, heterotopias são lugares heterogêneos que permitem uma reflexão sobre si mesmo. Ele cita o exemplo de um espelho. Quando nos olhamos no espelho podemos nos ver onde não estamos, na imagem refletida no espelho, e pensar aqui, onde se está realmente. Como nossa imagem no espelho, as heterotopias são lugares que conectam as utopias, lugares não reais e lugares reais.

As heterotopias têm como característica compreender dois opostos. De um lado ela tem a função de criar um espaço de ilusão que mostre como o espaço real também é ilusório por causa da fragmentação da vida humana. De outro lado, cria outro lugar tão real como qualquer outro lugar real, incompleto e confuso. Este lugar real, onde as pessoas estão se

pensando é, segundo Foucault, um lugar de compensação. A viagem é uma heterotopia porque une um lugar real a uma utopia. Mas também são heterotopias os lugares criados pelos migrantes, depois de fixados no lugar de destino, para lembrar sua vida passada. O lugar que o migrante cria depois de estabelecido é um lugar de compensação, na falta de poder voltar ao lugar de origem e ao passado é criado um lugar para que ele possa (tentar) reviver o que passou.

Em que momentos estes lugares de compensação podem acontecer? Os entrevistados relataram que geralmente a família ou parte dela se juntava ao final da tarde para conversar e era o momento em que os mais velhos contavam suas histórias. Também relataram sobre os encontros no fim de semana ou em festas em que a família se reunia. Estes encontros põem em contato duas realidades, uma utópica, um lugar que só pode ser visitado na memória, pois mesmo que volte ao lugar de origem, ao Nordeste, este não será mais o mesmo – como na metáfora de Heráclito, o homem não se banha duas vezes no mesmo rio, pois nem o rio nem ele são os mesmos. E a outra real, o lugar que a pessoa vivencia todos os dias: a cama, o quarto, a casa, a cidade, em que se levanta, trabalha e no final do dia volta para dormir. É quando as histórias de lá são contadas aqui.

Na reflexão de outro pensador, Michel de Certeau, o lugar “implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 2012, p. 184). O lugar pode ser encontrado porque ele está fixo e para se chegar até ele se faz necessário uma descrição, orientação ou explicação sobre o lugar. Vários lugares são encontrados todos os dias; lugares em que vamos, sejam nossos ou de outros. Lugares como a casa, nossa ou do vizinho, o dentista da família, o supermercado, o hospital. Eles estão fixos, pois mesmo que mudem de endereço continuarão a ser o supermercado, o hospital, etc.

Um parque, um jardim, uma festa, a rua são lugares ou espaços? São lugares por onde as pessoas passam ou que se formam para uma determinada ocasião e depois se desfazem. Ou seja, lugares não fixos, ou lugares onde as pessoas, o público, não é fixo. Certeau analisa estes “espaços” como um lugar, porém ele só existe quando praticado, pois este não está parado. Os espaços são criados na medida em que as pessoas o fazem. Uma festa, por exemplo, é um lugar onde muitas coisas acontecem, pessoas se reencontram ou conhecem novas pessoas, mas quando a festa acaba aquele lugar deixa de existir, porque ele não está fixo, ele existe no movimento entre o se fazer e o desfazer.

O migrante nordestino é este sujeito que tem sua vivência entre o que aprendeu no lugar de nascimento e o que aprendeu com a experiência da migração. José de Souza Martins utiliza o termo de sujeitos híbridos quando se refere às pessoas que migraram da cidade para

áreas rurais ou o contrário (MARTINS, 2011, p. 180). Ele está pensando nas suas experiências de família e percebe que algumas pessoas, senão todas, nunca deixarão de ser o que aprenderam na infância, no lugar de origem. Pois a infância e o lugar em que ela aconteceu estão ligados e constroem uma forma de pensar o mundo e manter suas relações pessoais por toda a vida.

Partiremos da noção da existência de dois lugares estabelecidos, o lugar de origem, “lá no Norte” como muitos dizem, e o lugar de destino, “aqui”, aonde chegaram. Iremos considerar “cultura nordestina” e “cultura do interior paulista” em suas generalizações, como um conjunto de elementos que explicam a prática difundida em um lugar. Essas categorias são importantes para demarcarmos os dois modos de vida: o lugar de origem e o lugar de destino.

“Nascer é nascer num lugar, ser designado à residência. Nesse sentido, o lugar de nascimento é constitutivo da identidade individual (...)” (AUGÉ, 2012, p. 52). Nesta reflexão, a infância é definidora da identidade e, portanto, o lugar de nascimento é uma importante referência na construção desta identidade. Mesmo o sujeito que não migrou também irá se referir ao tempo da infância que é um tempo passado e, por ser passado, também é outro lugar. Mas um lugar que mantém certa continuidade, ou seja, onde não houve uma cisão, a separação de abandonar um território e se inserir em outro. Entendemos esta cisão como a concebe Stuart Hall em seu conceito de diáspora.

O conceito mais amplo de diáspora, como proposto por Hall (2003), é utilizado para pensar a dispersão com povos que não possuem uma fronteira bem marcada entre o de dentro e o de fora, partindo do princípio de que os povos não são homogêneos. No caso dos migrantes nordestinos, mesmo com dificuldades financeiras e de deslocamento com meios de transportes demorados, em certas circunstâncias era possível retornar à terra natal. Talvez não com o intuito de se estabelecer novamente, mas para visitar, buscar parentes, relembrar, possuir a sensação de retorno a casa. Ou seja, não havia uma proibição política de retorno como frequentemente na diáspora judaica, por exemplo. Para Hall (2003) a diáspora caribenha, assim como outras diásporas onde não há uma diferença binária, deve ser considerada na análise a pluralidade de origens e destinos, assim como a cultura que se forma a partir deste contato cultural diferenciado.

É comum considerarmos nordestino aquele que migrou de estados do Nordeste; logo, relacionamos a pessoa com o seu território. No entanto, o que entendemos como Nordeste é uma construção histórica composta de vários elementos que permeiam o imaginário dos seus conterrâneos e não conterrâneos de forma a perpetuar uma ideia sobre a gente nordestina. É a

partir do território que relacionamos os elementos dessa cultura nordestina quando nos referimos às pessoas que moraram neste lugar. Nos parágrafos que se seguem iremos pensar qual a importância do território na construção da identidade nacional e do imaginário acerca da identidade nordestina.

Esses lugares são *a priori* territórios como estamos tratando aqui. Quem migrou saiu de um lugar para morar em outro. São formados com modos de ser e viver, ou seja, uma cultura própria que é criada por todo tipo de especificidade que podemos imaginar: o tipo de colonização, revoltas e conflitos, organização política, a subjetividade das pessoas que ali residem, etc., dando origem a formas de manifestação artística, econômica, social. Mudar de território implica transitar entre estes modos de ser e viver. Implica se adaptar, aprender, compreender novos costumes.

De acordo com Renato Ortiz em “*Cultura brasileira e identidade nacional*” (1998), a identidade nacional começou a ser delineada durante o romantismo com a preocupação de identificar o elemento nacional. Essa ideia de identidade nacional foi influenciada pela teoria evolucionista, e buscava formas de alcançar o ideal do homem civilizado, europeu. De acordo com Ortiz, autores brasileiros como Silvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, influenciados pelo evolucionismo de Spencer e o positivismo de Comte, formularam explicações para o “atraso” brasileiro comparado aos países civilizados.

De acordo com Ortiz (1998), nesses autores a nacionalidade brasileira começa a ser explicada através de uma descrição do Nordeste: o ser nordestino, o sertanejo, a fome, a seca, o messianismo. Ainda de acordo com o autor, em “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, por exemplo, há uma descrição do clima, relevo, território, numa explicação de como o meio molda esse sertanejo, como sua vida está marcada pelo meio em que vive, muitas vezes mostrando as impossibilidades de mudança social naquele contexto. “O nordestino só é forte na medida em que se insere num meio inóspito ao florescimento da civilização europeia” (ORTIZ, 1998, p. 18). Produziu-se assim uma visão pessimista do Brasil em comparação à Europa e do Nordeste em comparação ao Sudeste. De acordo com Ortiz, é com Gilberto Freyre que os mesmos elementos, clima e raça, são transformados em características positivas traduzindo definitivamente a característica da mestiçagem como ideologia nacional, pois permitia que todos pudessem se ver contidos nesta miscigenação. Mas essa identidade nacional só produz resultados se olhada pelo viés da homogeneidade, pois se olhada pelas diferenças o elemento que identifica a todos se dilui nas particularidades.

Poderíamos então questionar a ideia de privilegiar uma cultura em detrimento de outra: a identidade nacional em detrimento de uma identidade “arcaica” associada à cultura

nordestina. Nesses termos, essa visão negativa produzida para o Nordeste, entre o final do século XIX e início do XX, estaria, de acordo com o pensamento de Benjamin em “Teses sobre a história”, sendo destruída, ela própria, para das suas ruínas surgir a construção de uma identidade “melhor”, civilizada. “E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é tão pouco, o processo de transmissão da cultura” (BENJAMIN, 1994, p. 225). Nesta análise, a visão positiva do Sudeste se deu pela destruição do que representava o Nordeste. Olhadas de cima para baixo, pelo grande movimento da história, este processo migratório se assemelharia ao processo de destruição de um passado, que assim deve ser negado, e a valorização da civilização.

Porém, o que observamos nesta pesquisa que investiga a migração de dentro para fora, é que no meio de histórias de sofrimento existem histórias de superação, de pessoas conscientes do processo histórico ou não, mas que foram a mola propulsora desta nova sociedade. Foram eles, os migrantes, que empregaram seus esforços aqui, no lugar de destino para construir algo novo. Os migrantes disseram que migraram “porque estava todo mundo vindo”, assim como relataram o desejo de melhorar de vida.

Ainda poderíamos questionar se os migrantes estavam conscientes de que estariam ajudando a construir o ideal de civilização. Para Benjamin (1994), esta é a principal ruína da classe operária, acreditar que estavam caminhando com o progresso técnico. Mas durante as visitas aos migrantes, mencionavam que a vida no passado era mais difícil e agora é mais fácil. Nesse sentido, lembrar o passado não significa negar o presente. Os migrantes são conscientes de que hoje seus filhos, por exemplo, têm uma vida melhor do que eles tiveram, mas também têm consciência de que o conforto deles dependeu do seu trabalho. Pensar a questão da identidade nordestina é importante não no objetivo de defini-la de modo rígido, mas ao contrário, problematizá-la enquanto concepção de uma identidade única, pronta.

De acordo com Hall (2003), a identidade nacional tem sido questionada pelas ciências sociais como uma crítica na crença da centralidade do sujeito moderno. Se no período colonial as pessoas se deslocavam dos grandes centros para as periferias, ou seja, da Europa para as colônias, no último século tem se intensificado a migração da periferia para os grandes centros, das antigas colônias para a Europa. Para o autor, neste processo as identidades nacionais têm sido questionadas e as identidades regionais reforçadas.

Ainda segundo Hall, essa mistura de sujeitos que não são puros e que estão migrando não apenas em suas regiões de origem, mas indo para o centro, está transformando identidades, tornando-as menos fixas ou criando outras identidades, mas sem serem assimiladas ou unificadas. Há uma pluralidade de identidades se relacionando entre si. Em

lugares onde as identidades não são fortes os sujeitos conseguem transitar melhor pelas suas várias identidades dependendo do grupo onde estão, o que aumenta a tolerância pelas diferenças e reduz conflitos desta ordem, como parece ter sido o caso do interior paulista. Os migrantes tiveram sua identidade questionada quando chegaram ao lugar de destino, porém, os conflitos de identidade aconteceram durante os primeiros anos da migração. Atualmente, como observamos na pesquisa, no interior do estado o termo nordestino não soa aos migrantes da década de 1960 como pejorativo. Na medida em que os migrantes da década de 1960 se estabeleceram, o termo nordestino atualmente é empregado aos migrantes da última década, de 2000, que migraram de estados do Nordeste principalmente para trabalhar no corte de cana-de-açúcar no interior de São Paulo³.

Durante a pesquisa observamos que em vários momentos as crianças não identificam seus avós como nordestinos. Primeiro pensamos que esta não identificação estava relacionada com uma falta de convívio familiar e por isso as crianças não sabiam da história dos avós. Mas percebemos que a definição de nordestino estava neste entremear entre o pertencer e o não pertencer a um território. Para os netos que têm avós morando em estados do Nordeste, é visível que o avô é nordestino – e nesses casos as crianças também são migrantes. Para as crianças que conheceram seus avós no estado de São Paulo, em um primeiro momento elas não definem seus avós como nordestinos. Apenas quando perguntamos onde os avós nasceram alguns respondem que vieram de estados do Nordeste e outros precisaram perguntar aos familiares.

Os lugares da memória: o reviver da migração

Conceituamos os lugares onde as histórias da migração emergem no convívio familiar de “lugares da memória”. O conceito está mais próximo do que concebe Halbwachs (1990) como socialização da memória do que do conceito de Pierre Nora (1993), de lugares da memória. Para Nora, os lugares da memória são lugares criados para se lembrar, por isso existem onde a memória não é viva na sociedade. São os museus, monumentos, estátuas, livros, etc. Definimos durante a pesquisa os lugares da memória como físicos e simbólicos.

³ Há muitas pesquisas sobre a migração nordestina para o corte de cana-de-açúcar que se estende da década de 1980, principalmente nas regiões de Ribeirão Preto e Franca, e nas décadas posteriores se encaminha em direção ao oeste paulista. Sobre esta migração pode-se consultar os trabalhos de Maria Ap. de Moraes Silva. Ver: SILVA, Maria Ap. de Moraes. Mortes e acidentes nas profundezas do “mar de cana” e dos laranjais paulistas. In: *InterfacEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*. Vol. 3, nº. 2, artigo 1, abr/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/ITF/article/viewFile/112/129>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

São físicos porque acontecem em uma casa, uma festa, com as fotografias guardadas. E simbólicos porque são carregados de formas de pensar, falar, de valores morais, e transporta o sujeito entre o tempo passado e o presente.

Os lugares da memória no grupo pesquisado acontecem de diferentes formas. O que buscamos entender nestes lugares são suas características principais, como são construídos e como os indivíduos interagem nestes lugares. Não há um dia fixo para se lembrar da migração para essa comunidade. Os lugares da memória são construídos nas conversas familiares que podem ser tanto as festas como as conversas que acontecem no dia a dia. Consideramos festas familiares tanto aquelas de fim de ano e aniversários quanto encontros de fim de semana e almoços de domingo. Nessas festas, vários membros da família estão reunidos: pais, tios, primos e avós, além dos agregados como namorados, cunhados e amigos de parentes. A formação de grupos nesses encontros é mais nítida. As mulheres ficam próximas, cuidando dos preparativos e da comida. Os homens se reúnem e por vezes são responsáveis por preparar o churrasco, comida que parece ter se tornado comum nesses encontros. As crianças formam outro núcleo e aproveitam para interagir com os primos. Esses grupos estão em constante contato, porém, é possível perceber a formação e a diferenciação entre eles.

Observamos as festas na família de seu Manoel, que atualmente são comuns e geralmente acompanhadas de música. Sanfoneiro e “baileiro”, seu Manoel tocou durante muitos anos em festas na região, mas precisou vender sua sanfona – a filha não se lembra por qual motivo – e durante anos ele não tocou mais. Foi no aniversário de 70 anos dele que as filhas lhe deram uma sanfona de presente. Seu Manoel ficou muito emocionado com o presente, que segundo sua filha Lúcia, ele sempre toca ao entardecer na varanda de casa, acompanhado de seus amigos de longos anos e seu irmão, ou na ausência deles, toca sozinho.

A sanfona também estava presente na festa de bodas de prata da filha Lúcia. A valsa foi tocada na sanfona e no teclado, depois todos começaram a dançar, ao ritmo do forró. Perguntei ao pai da noiva qual festa tinha sido melhor, a do dia do casamento ou as bodas. Ele respondeu que as duas foram ótimas, mas no casamento o forró durou até o dia clarear. Tanto no casamento como nas bodas o pai da noiva que toca sanfona se ausentou do instrumento para as comemorações e convidou seus amigos para tocar.

A festa de bodas de prata funcionou como um lugar para pensar não apenas os vinte e cinco anos de casamento, como também o modo como sua família realizou os casamentos. A festa, assim como nas bodas, foi aberta a quem quisesse participar. A comida foi feita pelas amigas da mãe da noiva e servida pelos pais e padrinhos. Sua irmã, Maria Oneide, contou que

em seu casamento também houve o forró e os convidados dançaram na rua, pois não havia lugar na casa para todas as pessoas.

Outra festa que participei foi o aniversário de dona Lourdes. Fiquei sabendo da festa de aniversário durante uma visita à casa da Lúcia. Foi uma festa surpresa que aconteceu em uma casa na prainha da cidade para que dona Lourdes não desconfiasse. A família foi convidada e havia muitos conhecidos e parentes. As filhas organizaram homenagens, músicas, poesias, e deram um colar com um pingente com sete meninas de presente para a mãe. Segundo elas, dona Lourdes sempre quis um colar com as meninas, mas seria caro comprar um colar com sete pingentes.

Depois das homenagens foi servida a comida, e logo depois seu Manoel, alguns amigos e parentes se reuniram para tocar e cantar. Sentaram-se com sanfona, violão, triângulo, tambor, reco-reco. Os convidados afastaram as cadeiras e começaram a dançar. Depois de algum tempo, percebi que o número de convidados havia diminuído, pois tinham ido embora. Mas também notei que não havia crianças ali. Os netos ficaram por perto no início da festa, mas logo se reuniram em outro lugar. Encontrei os netos na sala da casa, conversando. Perguntei por que não estavam lá fora, perto da música, e eles disseram que não gostavam. Disseram que era música de velho, e que eles só tocavam, mas não tinha letras. Isso não significa que há uma repulsa dos netos com as festas de família, pois de certa forma estas festas também trazem vantagens para eles. É o momento em que os primos se reúnem mesmo que seja para falar do que não gostam, ou seja, é um momento coletivo.

De forma geral, em reuniões de família as pessoas muitas vezes se dividem por gênero e faixa etária: as mulheres ficam juntas, os homens ficam em outro lugar e as crianças brincam perto dos adultos, mas não no mesmo lugar. Por não partilharem do mesmo lugar, as histórias podem ser contadas, mas não ouvidas na mesma proporção. Os netos sabem no geral que aquele acontecimento de música, dança e comemoração acontece com certa regularidade e que são organizados pelos adultos, os avós e pais. As histórias são ouvidas nestes momentos que se repetem com certa regularidade, aniversários, festas de fim de ano. Assim, os netos vão somando essas histórias e as realimentando. O importante em observar essas festas não é generalizar para outras famílias este gostar ou não gostar de participar das festas, mas observar como acontecem e como os membros interagem, quais rituais elas seguem e o que significa reunir a família. Para Certeau, “O relato [...] privilegia, por suas histórias de interação, uma lógica da ambiguidade. ‘Muda’ a fronteira em ponto de passagem” (CERTEAU, 2012, p. 196). Essas festas funcionam como uma fronteira que expõe as

diferenças no mesmo momento que une as duas partes, pois permite que as gerações da família se conheçam, que mostrem quem são e entrem em contato entre si.

Nas conversas cotidianas percebemos que os lugares da memória precisam de um motivo para acontecer. Os entrevistados descreveram que as histórias contadas pelos pais ou avós começavam de um problema atual, e por aquele problema eles relembavam o passado em busca de acontecimentos semelhantes para dizer que passaram por problemas mais difíceis: a vida era mais difícil, as condições econômicas eram piores, o trabalho excessivo e havia a necessidade de vencer na vida. Enfim, as histórias da migração eram histórias de sofrimento e de superação.

O discurso de “na minha época foi mais difícil” faz parte dessa lógica de socializar a dificuldade. Esse discurso enfatiza a dificuldade vivida, dá valor à trajetória de vida, mas também ensina que a vida é difícil e que não se pode esperar muito dela. Esse ensinamento pode ser observado no relato a seguir. Perguntei a filha de seu Manoel em que momentos ele contava sobre a vida dele.

Tudo era porque tinha algum problema. Nunca foi assim: “olha minha filha vou contar essa história para vocês”, não. A gente começava com um problema, a gente começou a trabalhar todas elas de doméstica, as filhas [...] muito cedo nós começamos a trabalhar. Então trabalhava, chegava, conversava e contava. A gente queria alguma coisa, não tinha dinheiro, a gente ia pedir para ele. “Vocês estão pensando que é fácil? Vou contar como é que foi minha vida. Vocês estão pensando que é assim? Não é assim não”. Aí ele começava a destrinchar. Inclusive quando eu estava na... sexta série, aula de Educação Moral e Cívica, eu comprei... tinha que ter o livro, eu comprei o livro de Educação Moral e Cívica, eram quatrocentos e sessenta reais. Eu cheguei nele e falei: “pai, é... eu comprei esse livro aqui, eu preciso de um livro, eu comprei e depois eu pago o senhor”. Para ele me dar o dinheiro, ele me deu o dinheiro do livro, entendeu? E eu não tinha que pagar ele. Ele me deu, mas ele cobrou, entendeu? “Você está me devendo o livro de Educação Moral... aquele livro”, ele falava. “Eu quero meus quatrocentos e sessenta reais... que eu te arrumei, que eu te emprestei, se vira. Porque você pensa que a vida é fácil? Não é não. Eu comecei a trabalhar muito cedo, eu saí de lá da Bahia com dezesseis anos e vim aqui, enfrentei, derricei muito café...”, né, muito toco também. Disse que arrancou toco por aí que eu não sei de onde saiu tanto toco, mas ele fala. Ele falou... ah, estrada de ferro também, ele fez parte, viu, das estradas de ferro. Então, “eu comecei muito cedo, eu lutei para chegar, agora vocês querem assim”. Quer dizer, que ele não ia me dar nada, que eu tinha que saber como a vida era dura, eu tinha que trabalhar e ter, eu não ia ter dele. Eu tive que pagar o livro, sexta série eu estava, entendeu? Então, ele... eram esses motivos que davam a abertura para ele contar a situação dele (Lúcia).

Também observamos que há diferença entre a forma como os homens contam suas histórias e a forma como as mulheres a contam. Os homens, quando são pais, não contam as histórias dentro de casa. Há pouco contato com os filhos. Todas as mulheres entrevistadas

relataram esse distanciamento em relação aos pais. As histórias são contadas para o público, para outras pessoas, geralmente nos encontros familiares ou com amigos. As crianças escutam as histórias por participarem do mesmo ambiente, mas não são diretamente relacionadas a elas. Foi assim que descreveram os filhos e os avós nesta pesquisa. Perguntamos a todos os entrevistados quando os parentes contavam as histórias e como os entrevistados ficaram sabendo das histórias de família. Descreviam que durante a infância tinham pouco contato com os pais, ouviam as histórias porque os pais contavam a outros. Apenas quando ficaram adultos e os pais já estavam mais velhos é que os filhos conversavam com os pais sobre as histórias de família diretamente. Por outro lado, os entrevistados relataram que as mães sempre estavam muito próximas a eles e que as histórias de família, as histórias sobre a Bahia, as histórias sobre a migração eram contadas às crianças, em casa.

Outra porta que acessa lugares da memória são os meios de comunicação, principalmente as fotografias. Os avós mantêm guardadas fotografias de quando moravam na Bahia, ou de épocas recentes a sua chegada ao lugar de destino, mas principalmente, foi interessante notar que eles trocavam fotografias junto com as cartas. Antes do uso generalizado do telefone, os migrantes enviavam cartas aos parentes no Nordeste. Os migrantes tanto enviavam quanto recebiam junto às cartas fotografias dos parentes e das casas dos parentes. As fotografias explicavam quem eram os filhos, quem havia se casado, como estavam as casas. Com o tempo, as cartas foram jogadas ou perdidas, mas as fotografias ainda permanecem. Assim como permanecem os retratos na parede. São retratos feitos por retratista, geralmente com membros da família, irmãos, pais, ou retratos de casamento. As fotografias e os retratos são portas para acessar lugares da memória, pois mantêm os laços com o passado, com pessoas que fizeram parte do passado, relembram momentos, histórias, e podem ser acessados pelos filhos e netos.

O exemplo a seguir é uma forma do que estamos chamando de lugares da memória. Dona Lourdes, enquanto me mostrava uma fotografia da sua madrinha sentada na frente da casa, me explicou como era o terreno, em que época chovia, qual era a cidade mais perto, quem eram os vizinhos. Havia muitas roseiras em frente à casa na fotografia; dona Lourdes me disse que era sua madrinha quem cuidava delas, sempre gostou das roseiras. Depois mostrou os parentes mais novos que tinham se casado, parentes que ela não conhecia pessoalmente, sabia que eram filhos de fulano ou fulana. Da mesma forma como ela nos mostrou e relatou as fotografias, provavelmente ocorreu com outros membros da família. As fotografias criam lugares da memória, pois possibilitam que a memória da migração seja socializada.

Também Dona Sebastiana disse que tinha umas cartas guardadas, mas que as filhas costumavam jogar fora as correspondências, alegando ser papel velho, sem utilidade. Em uma das primeiras fotografias que dona Sebastiana encontrou ela disse “Eu tenho carta, mas não sei por onde anda, minha filha [se referindo a mim]”. Então, pegou umas fotografias guardadas, explicou quem eram as pessoas na foto e pediu para eu ler, pois não conseguia enxergar. Estava escrito atrás na foto: “para Tiana, lembrança da avó Rosa”. Perguntei quem tinha enviado, e ela respondeu: “minhas netas, do povo da Bahia. [Eles mandaram em carta?] É, mandaram em carta. [Ela riu]. No meio da carta, minha filha, veio”.

Quanto aos netos, todas as crianças mencionaram a história da migração. O que vimos é que essas histórias não são o elemento central da narrativa, mas são contadas como contexto de outro fato narrado. Com os netos, foi possível perceber que não se trata de uma narrativa de superação do sofrimento como ficou demonstrada com os filhos. Isso porque os netos não são migrantes e em muitos casos não compartilharam com os avós os primeiros anos após a migração. Assim, as crianças observam os avós como participantes de um passado mais distante. Para os netos, não é o fato de os avós terem migrado que marca quem o avô é, mas se trabalhou ou não na infância, se foi criado pelos pais ou não, se conta as histórias do Lampião, da cobra, do lobisomem. Mesmo neste sentido, as narrativas contam histórias de sofrimento, de separação, de trabalho durante a infância, mas também de histórias envolvendo elementos místicos e com valores morais implícitos como histórias sobre filhos que desobedeceram aos pais e tiveram punições (SILVA, 2014a).

A percepção desses lugares da memória acontece de forma diferente para os filhos e para os netos de migrantes. Para os filhos a presença da migração é muito mais forte do que para os netos. Isso porque os filhos fizeram parte da vida dos migrantes no momento em que estavam se fixando ao lugar de destino, no momento em que estavam tentando superar as dificuldades da migração, dificuldades encontradas no lugar de destino, da condição de estrangeiros como pensa Simmel, da condição econômica. Os netos fazem parte do momento em que os migrantes já estão estabelecidos, incorporados no lugar de destino, já trabalharam, superaram as dificuldades de reconstruir a vida no lugar de destino. A migração para os netos não é a condição que determina quem o avô é. Porém, mesmo assim, as narrativas da migração são contadas aos netos ou ao público. Na pesquisa com as crianças, vimos que eles conhecem a história dos avós, mas não pela migração como fator determinante. A migração faz parte de um contexto sobre a vida do avô.

Considerações finais

O percurso da migração muda o sujeito e o lugar. Muitos netos não identificam imediatamente seus avós como migrantes nordestinos, pois a cultura dos avós não ficou estancada apesar de cindida. Ela é revivida a cada momento. A própria noção de Nordeste não é mencionada, mas na maioria das vezes se referem ao Norte como “lá no Norte”. Também não se trata de uma memória institucionalizada, então ela emerge no cotidiano e se mistura com costumes tão inerentes que não podem ser dissociados. A linguagem, a tapioca, a carne seca, a sanfona, a arquitetura e as fotografias estão carregadas do passado no Nordeste, mas esse passado ainda está vivo nos avós. Não se sabe se essa memória será daqui algumas gerações apenas uma reminiscência ou se será institucionalizada. No entanto, no momento ela está viva no contexto familiar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AUGÉ, M. *Não lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª Ed. São Paulo, Brasiliense, (Obras escolhidas; v. 1), 1994.
- HALBWACHS, M. *Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- HALL, S. & SOVIK, L. (org.). *Da diáspora*. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MARTINS, J.S. *Uma arqueologia da memória social*. Autobiografia de um moleque de fábrica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*. V. 10, p. 07-28, 1993
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PAIVA, O. *Caminhos Cruzados. Migração e construção do Brasil Moderno (1930-1950)*. Bauru- SP, EDUSC, 2004.
- SILVA, C. & PAIT, H. Lugares da Memória. O recompor da cultura migrante entre avós e netos. *IV Seminário Internacional* do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. Olhares e diálogos sociológicos sobre as mudanças no Brasil e na América Latina. 2013, São Carlos, SP. Anais do IV Seminário Internacional do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USFCar de 2013. (GT1: Culturas, Identidades e Diferenças).
- SILVA, C. *Lugares da memória: a vivência da migração nordestina no interior paulista entre avós e netos*. Dissertação de Mestrado, Unesp-Marília, 2014.

SILVA, C. Lugares da memória: história feita em casa. In: *Panoramas*. University of Pittsburgh. Pittsburgh: USA, 17 mar. 2014a.

Recebido em: 30/10/2015

Aceito em: 25/03/2016